

A INSPIRAÇÃO E A VERDADE DA ESCRITURA

A Inspiração Bíblica | A Verdade da Sagrada Escritura

ABERTURA

As coisas reveladas por Deus, contidas e manifestadas na Sagrada Escritura, **foram escritas por inspiração do Espírito Santo**. Com efeito, a santa mãe Igreja, segundo a fé apostólica, considera como santos e canónicos os livros inteiros do Antigo e do Novo Testamento com todas as suas partes, porque, escritos por inspiração do Espírito Santo (cf. Jo 20,31; 2Tm 3,16; 2Pe 1,19-21; 3,15-16), **têm Deus por autor**, e como tais foram confiados à própria Igreja. Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus **escolheu e serviu-se de homens** na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, **como verdadeiros** autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria.



A INSPIRAÇÃO BÍBLICA

Afirmar que um texto é inspirado – e, de modo particular, que a Bíblia é um texto inspirado – pode conduzir-nos no imediato a pensar naquela inspiração própria dos poetas e dos artistas, pela qual uma intuição nova ou um rasgo de imaginação dá início ao processo criativo. No contexto bíblico, porém, inspiração remete – no seu sentido etimológico – para o sopro ou a respiração do Espírito de Deus que atua na comunidade crente e, no seu interior, fala com uma palavra de vida. É esta palavra criadora e criativa que o Espírito diz à comunidade – depois de acreditada, celebrada, vivida e rezada – que é transmitida num texto escrito, o qual, porque na sua origem está o Espírito de Deus, é considerado texto sagrado e normativo.

Assim, a razão última para a Igreja aceitar a Sagrada Escritura como norma de fé e de vida está no facto de nela ter descoberto a presença e a autoridade do Espírito de Jesus Cristo, reconhecendo os seus autores como homens proféticos e inspirados. Do mesmo modo que o povo da antiga aliança tinha reconhecido a origem divina das suas Escrituras – Lei, Profetas e Escritos – Jesus e, conseqüentemente, as primeiras comunidades cristãs assumem o AT como palavra de Deus (cf. fórmulas de cumprimento: está escrito... [Mt 4,4-10]; para que se cumprisse a Escritura [Jo 19,28]). Além disso, reconhecendo Jesus como última e definitiva palavra do Pai (Hb 1,1), a Igreja primitiva recebeu não só os evangelhos como palavra de Deus, mas também os restantes escritos do NT porque fruto da pregação apostólica, através da qual Cristo anunciado continua a falar (1Ts 2,13).

É precisamente nos escritos mais recentes do NT (2Pe 1,16-21 e 2Tm 3,14-17) que encontramos a categoria de inspiração bíblica, ligada à categoria da ação do Espírito Santo, própria do AT. Deste modo, a comunidade crente pode afirmar que, na origem da Bíblia, está o Espírito de Deus, o Espírito do Senhor ressuscitado (1Cor 2,12). A Escritura é, pois, texto sagrado porque o Espírito Santo agiu diretamente nos diversos eventos e figuras históricas através dos quais se realiza o conhecimento progressivo e a atualização da revelação divina, na qual os crentes são introduzidos pelo mesmo Espírito. Assim, segundo o testemunho da Escritura, a inspiração é apresentada como

uma especial relação do autor bíblico com Deus – ou com Jesus – através da qual Ele permite que um autor humano diga, pela ação do Espírito Santo, o que o próprio Deus quer comunicar ao ser humano. As características desta relação entre Deus e o autor sagrado – ou hagiógrafo – foram, contudo, objeto de diversas tentativas de clarificação ao longo da história da Igreja. As diversas abordagens à modalidade segundo a qual a inspiração acontece devem, de facto, salvaguardar a liberdade e a autonomia do autor humano – que não é uma espécie de escrivão ou secretário do Espírito Santo –, bem como a iniciativa e origem divina de toda a Escritura.

Ao contrário de outras tradições religiosas, a fé católica nunca entendeu a Bíblia como uma transcrição literal de palavras ditadas por Deus a um redator humano. Neste sentido, o grande documento do Concílio Vaticano II sobre a Revelação – a constituição

Dei Verbum (DV) – afirma, no seu n.º II, que os livros bíblicos foram escritos por inspiração do Espírito Santo, tendo como verdadeiros autores quer o próprio Deus quer os homens que Ele escolheu e por meio dos quais agiu para transmitir a sua Palavra. A categoria de autor, aplicada a Deus, exprime assim a sua atividade transcendente, coordenada com a atividade humana do escritor sagrado, que a inspiração suscita, dirige e envolve inteiramente. Por outro lado, mantendo a ideia de instrumentalidade do escritor – herdada da tradição teológica – para afirmar que Deus se serve de intermediários, chama-lhes verdadeiros autores, para salientar que a inspiração não elimina a plena, livre e consciente atividade do autor humano, nunca redutível ao ditado divino ou a uma experiência de êxtase.

Por fim, permanece ainda a questão acerca dos diversos autores e redatores que intervieram na composição dos diversos livros bíblicos. Parece mais adequado, estender a inspiração aos diversos autores que participaram na formação de um livro e na medida do seu contributo. Deus teria conduzido todo o processo da formação literária de um livro, sobretudo nos seus momentos decisivos. Além disso, o carisma da inspiração bíblica propriamente dita insere-se organicamente e de maneira específica no complexo dos carismas relativos ao anúncio e conservação da palavra de Deus. Neste sentido, pode falar-se de uma inspiração de carácter relacional, na interação entre o Espírito de Deus, a comunidade crente e o escritor sagrado, sempre condicionado pela língua, formas literárias e experiência de fé da comunidade a que pertence.



LEITURA CRENTE

“Mas, antes de tudo, tende presente que ninguém pode interpretar por si mesmo uma profecia da Escritura, porque jamais uma profecia foi proferida pela vontade de um homem; mas, sendo movidos pelo Espírito Santo é que certos homens falaram da parte de Deus” (2Pe 1,20-21).

“De facto, toda a Escritura é inspirada por Deus e adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e esteja preparado para toda a obra boa” (2Tm 3,16-17).

Ouso dizer mais, meus irmãos: talvez nem o próprio João tenha falado destas realidades como elas são em si, mas sim como ele poderia. (...) Porque ele estava inspirado, ele foi capaz de dizer algo. Sem inspiração não teria sido capaz de dizer nada. Mas sendo um homem inspirado, ele expressou não toda a realidade, mas aquilo que o homem é capaz de dizer. (Agostinho, Tratado sobre o Evangelho de São João 1,1)



CONCORDISMO

Consiste em procurar pontos de sintonia entre fé e ciência, estabelecendo eventos geológicos ou meteorológicos como explicação para prodígios relatados na Bíblia. O limite desta abordagem – que tem o caráter de uma verdadeira apologia da Bíblia – é passar com extrema simplicidade de um nível de conhecimento a outro, da linguagem metafórica àquela científica, da poesia à matemática. O crente perscruta as páginas da Escritura para conhecer o «porquê» da sua existência, tal como o cientista abre o livro da natureza para compreender o «como» funciona a maravilhosa criação.

A VERDADE DA SAGRADA ESCRITURA

Intimamente ligada à questão da inspiração bíblica está a questão da verdade da Sagrada Escritura: de facto, se um texto é inspirado não pode conter erros, dado que a palavra de Deus não está sujeita à falibilidade. Do mesmo modo, o ser humano traz em si o desejo de conhecer a verdade e de acolher sem erro uma palavra na qual possa confiar e entregar a vida. Neste sentido, o erro pode ameaçar a confiabilidade da palavra.

A impossibilidade de a Bíblia conter erros – chamada tradicionalmente inerrância da Escritura – constituiu uma afirmação constante da Igreja ao longo da sua história. Contudo, o progresso científico dos últimos séculos desafiou a questão da verdade bíblica, sobretudo em três grandes áreas: a astronomia, que possibilitou a revolução copernicana; as ciências antropológicas, que desenvolveram a paleontologia; e a ciência histórica, através das descobertas arqueológicas. Ainda assim, não precisamos de nos aventurar nas teorias que explicam cientificamente a origem do Universo e do ser humano para nos darmos conta que a Escritura contém factualmente dados errados: basta abrirmos a página de Lv 11,6, onde se afirma que a lebre é um animal ruminante, o que sabemos não ser verdade.

Podemos afirmar que se é próprio de Deus dizer a verdade, é próprio do homem errar e a Escritura é também palavra humana. Neste sentido, os pronunciamentos da Igreja acerca da verdade da Bíblia tornaram-se gradualmente mais prudentes, ou melhor, mais bíblicos. Abandonou-se, pois, a defesa de uma verdade abstrata para restituir à verdade o rosto concreto de Jesus Cristo, insistindo na finalidade da Escritura: conduzir o ser humano à salvação (DV 11).

O acento deixa de ser colocado na ausência de erro, mas na finalidade com que a Escritura é transmitida e oferecida aos crentes, sem negar a sua historicidade. De facto, o sentido bíblico de verdade remete para o conceito de firmeza e estabilidade, de fiabilidade e veracidade, em estreita referência a Deus. No NT, a verdade é o próprio Jesus (Jo 14,6), como plenitude da revelação iniciada já nas páginas do AT, pelo que, em Cristo, a verdade corresponde à salvação: Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois, há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como resgate por todos (1Tm 2,3-6).

Assim, a verdade bíblica não se trata de uma verdade fria, meramente intelectual, que possa quantificar-se. A verdade da Escritura é apenas uma: o próprio Deus, ou melhor, Jesus Cristo, que fala ao ser humano como a um amigo – com uma linguagem que este possa compreender – não para transmitir informações, mas para o conduzir à verdadeira vida. Neste sentido, ao abordarmos a Sagrada Escritura, devemos ter em conta que o antónimo de verdade, na Bíblia, não é o erro, mas a mentira.

Podemos, pois, dizer que a Bíblia erra quando é lida de modo errado e instrumentalizada para qualquer fim, como acontece com uma leitura fundamentalista ou baseada no concordismo. Um erro comum de leitura consiste em acreditar que o narrador é contemporâneo dos acontecimentos narrados; contudo, a narrativa não é uma reportagem, mas uma releitura posterior, condicionada pelas circunstâncias do presente. Um outro erro é

DEI VERBUM 11

E assim, como tudo quanto afirmam os autores inspirados ou hagiógrafos deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, por isso mesmo se deve acreditar que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Escrituras.

FUNDAMENTALISMO BÍBLICO

Baseia-se numa leitura ingénuo e pré-científica da Bíblia, absolutizando ditos, formas e figuras da Escritura, que devem ser colocados em diálogo com os tempos e cultura dos autores, ter em conta géneros literários e valer-se das modernas descobertas filológicas e arqueológicas. A arte de interpretar a Bíblia implica uma dupla fidelidade - a Deus e ao homem - em vista de um equilíbrio intelectual que tutele a cientificidade do estudo da Escritura (enquanto obra literária) e o seu valor teológico (enquanto testemunho escrito da experiência da fé).

considerar o narrador como um sujeito individual, que escreve de uma só vez, pelo próprio punho; porém, a formação da Bíblia implicou diversos redatores que, ao longo dos séculos, compilam e rescrevem os textos.

Js 10,12-15: JOSUÉ MANDOU PARAR O SOL?

*12*No dia em que o Senhor entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, Josué falou ao Senhor e disse, na presença dos israelitas: «Detém-te, ó Sol, sobre Guibeon; e tu, ó Lua, sobre o vale de Aialon.» *13*E o Sol deteve-se, e a Lua parou até o povo se ter vingado dos seus inimigos. Isto está escrito no Livro do Justo. O Sol parou no meio do céu e não se apressou a pôr-se durante quase um dia inteiro. *14*Nem antes nem depois houve um dia tão longo como aquele em que o Senhor obedeceu à voz de um homem, pois o Senhor combatia ao lado de Israel. *15*Depois disto, Josué voltou para o acampamento de Guilgal, com todo o Israel.

O texto de Js 10,12-15 é conhecido pela afirmação de que o sol se deteve no céu – permanecendo fixo ao longo do dia – à ordem de Josué, para favorecer a posição militar de Israel numa batalha. Uma leitura superficial colocaria em contraposição direta a narrativa de Js 10,12-15 com os dados da astronomia moderna. Como poderíamos, então, interpretar esta passagem? Foram propostas diversas leituras:

* **Leitura psicológica:** o relato seria uma descrição da percepção do autor, que teria tido a impressão de que o sol parou a meio do céu, no que poderia ser um fenómeno de refração – como uma miragem – ou uma alucinação coletiva.

* **Fenómeno meteorológico:** a narrativa poderia descrever uma espécie de obscurecimento do sol. O imperativo «para!» seria para que o sol deixasse de brilhar e não para se deter no céu.

* **Fenómeno de aceleração temporal:** aqui, entramos no campo das interpretações mirabolantes. Parte da onipotência de Deus, que pode parar o movimento da terra e impedir que isso produza efeitos ou pode acelerar o movimento dos corpos dos israelitas, que teriam tido a impressão de que o sol teria parado. Esta interpretação salvaguarda a onipotência de Deus, mas desvaloriza o ser humano, reduzido a marioneta nas mãos da divindade.

* **Interpretação cultural:** dado o carácter épico do relato, que tem a função de exaltar o valor do líder militar – que, para Israel, era o próprio Deus – a ordem dada ao sol e à lua de se deterem poderia ser uma prece cultural contra os astros. De facto, num mundo religioso em que o monoteísmo foi um ponto de chegada e no qual o sol e a lua eram venerados como divindades, a ordem de Josué poderia ser lida como um augúrio para evitar que os astros interviessem a favor dos inimigos. Esta interpretação tem em conta as convicções religiosas do tempo e parte da natureza teológica do texto, não perturbando a veracidade da Escritura, mas ajudando a lê-la na sua complexidade e amplitude.